



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOSUALDO COELHO DA SILVA

(entrevista)

Petrolina, PE

2022

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

FICHA TÉCNICA



Legenda: Fotografia produzida no dia da entrevista. Da esquerda para direita:

Christiane Macedo, Josoaldo Coelho da Silva e Pedro Pereira dos Santos Neto.

Projeto: Práticas Corporais e História Oral no Semiárido e Subprojeto Associação Petrolinense de Atletismo um Breve Histórico.

Número da entrevista: E-978

Nome do entrevistado: Josoaldo Coelho Da Silva

Local da entrevista: Colegiado de Educação Física – UNIVASF, Petrolina, PE

Entrevistadores: Christiane Garcia Macedo e Pedro Pereira dos Santos Neto.

Data da entrevista: 10/08/2022

Transcrição: Pedro Pereira dos Santos Neto

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 52 minutos e 51 segundos

Páginas Digitadas: 16

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SILVA, Josoaldo Coelho Da Silva. Entrevista concedida por Josoaldo Coelho Da Silva ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadores: Christiane Garcia Macedo e Pedro Pereira dos Santos Neto. UNIVASF, Petrolina (PE), 10 ago 2022, 19 p.

SUMÁRIO

Inserção no Esporte; Mudança para Petrolina e perda dos pais e da visão; Início dos Treinamentos; Mudança para o esporte paralímpico; Família; Primeiras provas; Entrada na Associação Petrolinense de Atletismo; Patrocínios e apoios; Competições; Momentos mais marcantes; Estrutura de treinamento; Diferenças do Esporte Olímpico e Paralímpico; Papel do Esporte; Papel da APA; Expectativas para o Futuro.

Petrolina (PE), 10 agosto de 2022. Entrevista com Josoaldo Coelho da Silva (J.S.), a cargo dos pesquisadores Christiane Garcia Macedo (C.M.) e Pedro Pereira dos Santos Neto (P.S.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

C.M. – Então, Josoaldo, primeiro muito obrigado por atender a gente, por dispor desse tempo para a gente te escutar e queria começar perguntando se você aceita participar da pesquisa e se a gente pode divulgar o seu nome e a sua imagem nos canais do projeto?

J.S. – Eu, Josoaldo Coelho da Silva, permito que a minha imagem seja divulgada em qualquer meio de comunicação.

C.M. – E aceita participar da pesquisa?

J.S. – E aceito a participação da pesquisa.

C.M. – Ok. *Muito obrigada!* Josoaldo, então. A gente queria que você começasse se apresentando e falando um pouco como você entrou no esporte.

J.S. – Eu nasci em 1987, uma criança considerada normal, aos nove anos de idade eu tive a perda da visão do meu olho esquerdo, mas o olho direito não foi afetado. Portanto, eu enxergava bem e tinha uma vida considerada normal, assim como as demais crianças. Jogava bola, corria, brincava e estudava. Não conhecia o atletismo ainda, o meu primeiro conhecimento com o atletismo foi aos quatorze anos, e no mesmo ano que eu tive o meu primeiro contato com o atletismo, eu gostei muito. Foi através da escola a qual eu estudava, que era na cidade de Dormentes¹. E lá, fui representar a escola nos jogos escolares regionais no vale do São Francisco. Tive bons resultados, medalhando – prova em segundo e outra em terceiro –, e passei a gostar, só que nesse mesmo ano eu tive a perda do meu pai e oito meses depois perdi a minha mãe. E no ano seguinte, eu continuava praticando o atletismo e gostando, só que os professores foram afastados do município e não colocaram outros professores para darem continuidade no trabalho que eles estavam fazendo com as crianças, que era o atletismo e o futebol. Aí eu fiquei treinando, correndo sozinho, às vezes por conta da perda do meu pai e da minha mãe, eu tinha algumas

recaídas, início de noite. Então eu usava meus treinos antes dos horários que eu poderia sentir isso para treinar e chegava no momento eu estava um pouco cansado. Então, não tinha aquela mente vazia para tá naquele sofrimento e eu tomava banho e ia dormir. E assim, foi uma das formas que eu usei o atletismo para superar aquele momento. Depois quando eu já estava com dezoito anos, eu conheci a equipe APA², a qual eu competi algumas corridas e tive o contato com eles. Então no ano seguinte quando eu tinha dezenove anos eu passei a ser um atleta da APA. Então me mudei da cidade de Dormentes para Petrolina para treinar e competir. E depois por questões financeiras eu retornei para a minha cidade, mas continuei treinando e competindo. Apenas não treinava com a equipe, mas continuava fazendo os treinos. E aí veio a perda minha visão, eu tive que ir para a cidade de Petrolina, mais uma vez, agora em busca da reversão da minha visão, mas passando pelos oftalmologistas, eles me deram o diagnóstico de que era irreversível. E aí eu tive que procurar recursos para minha reabilitação, então eu passei a estudar no Centro de Reabilitação Visual, aqui na cidade de Petrolina, a qual eu aprendi o Braile³ e como se locomover com a bengala. Eu continuei tendo as aulas no Centro de Reabilitação. E o meu professor Marciano Barros⁴ e alguns outros atletas, eles souberam que eu tinha perdido a visão, então eles foram até a residência a qual eu estava morando, que era com a minha tia e me incentivaram a voltar para o atletismo, só que eu não tinha conhecimento que no atletismo pessoas com deficiência conseguiria praticar, principalmente as pessoas cegas. Aí o meu professor trouxe revistas de alguns atletas recordistas mundiais, as histórias deles, e pediu que eu fosse ao treino, que lá ele ia conseguir uma pessoa para correr comigo para ser um atleta guia. E aí eu fui para os treinos, foi muito difícil esse início porque quando eu já tinha quase vinte e um anos, eu perdi a visão, então foi para a estaca zero porque a minha perda da visão foi total. E quando eu estava nos treinos tentando correr, a sensação era que eu estava pisando em buracos em todos os momentos. Então eu corria pulando, e graças a Deus, os atletas da APA tiveram paciência comigo e me deram confiança para mim no momento da corrida, que eu não ia pisar em buraco e eu não ia cair, estavam ali dando total assistência. Cada dia eu treinava com um atleta diferente para não atrapalhar a semana completa do treinamento dos atletas, porque como os meus treinos estavam sendo treino de iniciante, então uma pessoa deixava de fazer o treino dela para fazer o meu. E

¹ Cidade do Estado de Pernambuco.

² Associação Petrolinense de Atletismo.

³ Sistema de Escrita tátil para pessoas com deficiência visual.

⁴ Marciano Pereira Barros.

graças a Deus com mais ou menos três meses já tinha voltado a correr bem. Fui para a minha primeira competição já competindo contra os adversários, todos com deficiência, e essa corrida foi na cidade de Aracajú, e lá eu fui o campeão da prova, quando cheguei o meu professor achou o resultado muito bom e aí me integrou no circuito paraolímpico brasileiro, que é as competições a nível nacional. E aí foram várias etapas aonde a minha primeira competição foi em Natal⁵, depois eu competir em Uberlândia⁶, Fortaleza⁷ e São Paulo⁸. Isso no ano de 2008, primeiro ano. Terminei o ranking em segundo nos 10 mil metros, e daí para cá, graças a Deus, nas provas a qual eu compito a nível nacional, graças a Deus, sempre eu estou ficando entre os três melhores do Brasil, em uma ou duas provas. Isso pra mim é muito satisfatório, está sempre me mantendo bem no *ranking*. E por eu não ter terminado o ensino médio, quando eu saí da minha cidade, por conta que eu tinha perdido a minha visão, estava no ano letivo ainda do terceiro ano do ensino médio. No ano seguinte eu tive que retornar às aulas, e lá no Centro de Reabilitação Visual os professores e as professoras me incentivaram: “volte a estudar”; “vá para escola”; “termine o ensino médio”. E aí eu voltei a estudar. Estudei, concluir o ensino médio – o terceiro ano na Escola Moisés Barbosa, junto com os demais alunos, todos regulares, só eu que tinha deficiência. E no final do ano, por eu ter feito bastante amizades na sala de aula, ter conhecimento com os colegas, foi um ano muito bom e conheci a minha esposa. Dois anos depois nós nos casamos, isso em 2010, em 2012 tivemos nosso primeiro filho. E agora estamos em 2022 e vamos ter mais um filho, que agora vai ser uma filha. E sempre lutando no dia a dia. Nossos treinos são seis vezes por semana, então se torna cansativo, a gente tende a se dedicar exclusivamente aos treinos, então não é só apenas treinar, tem a questão do descanso. Às vezes eu sou convidado para ir para aniversários, festas, e em alguns momentos a gente tem que dar um não, pra não perder o foco dos treinos e tentar sempre atingir as metas que a gente tá buscando nos treinamentos, para quando chegar na competição, chegar bem e trazer o melhor resultado possível.

C.M. – Qual o nome da sua esposa?

⁵ Cidade do estado do Rio Grande do Norte.

⁶ Cidade do estado de Minas Gerais.

⁷ Cidade do estado do Ceará.

⁸ Cidade do estado de São Paulo.

J.S. – Telma⁹.

C.M. – Você tem quantos filhos?

J.S. – Um

C.M. – Que é o Felipe¹⁰!?

J.S. – O Felipe. E de hoje a dois dias vai vim a menina que vai se chamar Laura¹¹.

C.M. – *Nossa! Dois dias, tá para acontecer então! Muito, muito bom, ah... Josoaldo, obrigada por contar a sua história. A gente vai retomar alguns pontos agora. Você falou que com 14 anos teve contato na escola. Foi na educação física ou foi projeto ou algumas coisa assim?*

J.S. – Na escola que eu estudava não tinha as aulas específicas de educação física. Então o município contratou um professor e colocava essas aulas um dia por semana para a garotada se divertir e brincar, nada específico. Depois eles evoluíram, eles colocaram outro professor para treinar essa garotada para ir disputar os jogos escolares, representando a escola. E aí treinava três dias por semana, mas isso não era obrigatório que todos os alunos treinassem, era apenas os que tivessem interesse de ir para a educação física.

C.M. – Você chegou a competir nos jogos escolares pela sua cidade?

J.S. – Sim

C.M. – Só lá na cidade ou você chegou já a viajar nessa época?

J.S. – Nessa época... No início eles nem fizeram a competição local, eles simplesmente quem quis competir, eles já levaram para a etapa classificatória, que era a fase regional do Vale do São Francisco, foi disputada aqui em Petrolina (PE). O campeão de cada prova ia

⁹ Telma da Silveira Machado.

¹⁰ Felipe da Silveira Silva.

para Recife (PE). Eu fiquei em segundo lugar e o campeão da prova foi o segundo colocado melhor do Brasil nesse ano, então eu já comecei encarando “pedreira” [risos].

C.M. – Alguém influenciou – parentes, amigos, professores... - você a ir para o atletismo?

J.S. – Não. No início eu não tive isso, foi apenas... Como a gente morava numa cidade pequena que não tinha praticamente nada para a gente se divertir ou se ocupar, tivemos a oportunidade de fazer atividade física lá na educação física, é tanto, que era o futebol. E lá no futebol eu não tinha chance nem de ficar na reserva, era muitas crianças querendo jogar e eu não tinha habilidades com os pés para poder ser jogador. Queria ser goleiro, mas não era bom, então não tinha nem chance. Aí o professor disse: “agora quem quiser participar do atletismo, a gente vai montar a equipe de atletismo”; “quem quer ir?”. Todo mundo dizia: “eu, eu, eu...”, para poder viajar, né!? A maioria queria. Aí um foi e perguntou: “mas como? e quem que vai competir?”. Aí ele foi explicar, vai ter a prova de 100 metros. Aí um bocado disse: “eu quero”. Vai ter a prova de 200 metros. “Eu quero”. Quando ele falou que vai ter a prova de 5 km, eu fui o primeiro a dizer: “eu”, porque eu sabia que os demais não iam querer, por ser uma prova longa e eu tava com minha vaga garantida [risos]. Mas treinei direitinho para essa prova e é uma das provas que eu sempre me destaco.

C.M. – Até hoje, né? [risos]

J.S. – *Sim!*

C.M. – *Nossa!* De cara assim já foi para uma prova *tão longa?*

J.S. – Sim [risos]

C.M. – E o apoio dentro de casa quando você começou a treinar essas três vezes por semana as pessoas da sua família te apoiaram?

J.S. – Eu morava apenas com a minha avó e duas primas. Então, elas não tinham conhecimento. E como eu tinha liberdade para ir e voltar lá minha cidade nessa época aí.

¹¹ Laura da Silveira Silva.

Como os treinos eram durante o dia, não era impedido de sair de casa, então eu não tive apoio, mas também não tive o empecilho deles. E quando chegou o momento de ir para a competição, a minha avó aceitou, permitiu que eu fosse para outra cidade competir e depois... Não tive apoio assim tipo falar: “você consegue!” Ou ajuda, mas também graças a Deus eu não tive empecilho. Por ser algo novo na nossa família em geral, então as pessoas não tinham nem o que comentar a favor ou contra.

C.M. – Não tinha mais ninguém da família que era atleta? Não?

J.S. – Não

C.M. – E quando você entrou para a APA foi em 2010? Foi com 18 anos?

J.S. – Eu entrei na APA em 2007. Em dezembro de 2007 eu perdi a visão e em 2008 eu retornei sendo um paratleta.

C.M. – Por que você entrou em 2008? por que você resolveu entrar numa Associação Esportiva?

J.S. – Porque quando a gente não tem uma equipe, a gente não tem a informação de como se inscrever nas competições e pela questão do treinamento que a equipe... É no início da equipe era apenas a vontade de vencer no geral, mas tem a organização, o professor e os atletas eram tudo unido, tudo com o interesse em vencer no geral, não era cada por si. E isso foi o que fez com que eu entrasse na equipe. E quando chegou em 2008 a equipe não tinha o registro nas competições, não era afiliada ainda ao CPB, que é o órgão que responde pelas competições paraolímpicas, então eles me escreveram através de uma outra equipe, mas eu representando a minha região. Depois foi que a equipe se afiliou, eu fui um dos primeiros atletas paraolímpicos da equipe.

C.M. – Qual que era a situação do esporte aqui na cidade? Você sabe me dizer se já existiam algumas competições aqui na cidade? Se tinha outras equipes de atletismo?

J.S. – Competições, aqui tinha as corridas de rua. Corrida de rua, o município às vezes faz uma; alguma empresa ou instituição faz outra. Então continua sendo ainda competições isoladas, nós não temos um calendário fixo aqui para esse tipo de corrida, mas movimentava bastante a questão dos atletas estarem sempre treinando para competir e a gente viajava bastante para competir em outras cidades.

C.M. – E aqui na cidade vocês tinham apoio, algum patrocínio, algum apoio de empresa ou lugar nesse início?

J.S. – No início eu não tive patrocínio. Às vezes eu conseguia algumas ajudas isoladas, tipo: às vezes pessoas da família ou amigo; às vezes de tanto pedir nos comércios; às vezes alguma pessoa dava alguma ajuda para a gente ir para uma competição. Um exemplo: tinha uma competição em outra cidade muito distante que o custo era alto, aí o pessoal dava uma ajudinha para aliviar o nosso bolso para não ficar tão pesado e em alguns momentos a gente nem conseguiu viajar, porque o recurso que a gente tinha não era possível. E para mim, particularmente, veio melhorar em 2010, porque o resultado que eu tive em 2008, em 2009 eu recebi a cartinha do Ministério dos Esportes dizendo que eu tinha obtido a segunda colocação e com esse resultado entrava no edital do Bolsa Atleta Federal para no ano seguinte começar a receber. Eu comecei a receber em 2010. O processo de lá para cá já avançou muito, as coisas, agora é mais prático, não recebe mais cartinha, é tudo sistema online, você faz o resultado e verifica depois no próprio sistema. Depois quando abre os editais, então a minha... o meu maior incentivador e que fez com que eu mantivesse a praticar o esporte foi o Bolsa Atleta. Era a única coisa que eu tinha fixo, tipo: se você fizer o resultado, tiver nos critérios, fizer a inscrição, tudo conforme o edital pede, você pleiteia a bolsa e usa para se manter no esporte, porque patrocínio e apoio, os que eu tive *foi, foi muito pouco*. O que eu tinha as vezes era um tênis; uma ajuda de custo para pagar uma diária; as vezes o que eu recebia dava para pagar uma passagem aérea de ida, a de volta eu já comprava parcelado no cartão. Então, os meus gastos voltados para o esporte é... Eu sempre usei o Bolsa Atleta.

C.M. – Além da APA, você chegou a competir/treinar em alguma outra instituição?

J.S. – Não

C.M. – E na APA você falou que um professor seu achou o seu resultado muito bom na primeira competição. Foi o Marciano?

J.S. – Sim. Foi o Marciano Barros

C.M. – Ele sempre foi o seu treinador, então?

J.S. – Sim!

C.M. – Ainda é?

J.S. – Continua sendo!

C.M. – E como é que é a relação com Marciano?

J.S. – É a melhor possível. Ele é um cara que na hora que você precisa, em qualquer sentido, você fala com ele. Ele escuta bem a pessoa e depois ele sempre dá uma resposta que a gente se sente bem. Ajudando sempre de alguma forma, ele consegue ajudar.

C.M. – E quais momentos ou eventos na sua vida esportiva você destacaria? O que você viveu nessa trajetória esportiva que foi mais marcante para você?

J.S. – Foi a minha primeira competição quando eu não tava enxergando mais nada, porque eu vinha bem até o momento que eu ainda enxergava, treinando, tava já entre os cinco melhores da região. Já tava pensando alto, em disputar competições à nível de Pernambuco, tentar índice para ir Norte/Nordeste brasileiro e tá sempre crescendo, um passo de cada vez. E aí, encerrou tudo, teve de modificar depois tudo sem ver nada e a minha primeira corrida foi marcante, dali foi que a minha mente abriu um novo horizonte, que era possível dar continuidade aquele trabalho que eu vinha fazendo, agora não mais sozinho, mas com auxílio de um atleta guia. E depois fui competir com os grandes atletas à nível de Nordeste. Me classifiquei para as etapas nacionais, aí quando cheguei no nacional foi que caiu a ficha, porque essa minha primeira vez que eu fui competir a nível Nacional,

Josoaldo Coelho Da Silva

foi após as Olimpíadas de Pequim, que as Olimpíadas foi em 2008, e os atletas brasileiros estavam tudo lá, medalhistas, a mídia focando neles e eu lá no meio deles. E aí eu na hora da largada veio aquele nervosismo: “poxa! Os caras aqui são tudo fera”. “O que, que eu tô fazendo aqui!?”. E depois veio aquele ânimo: “se eu tô aqui, é porque eu sou um dos melhores, assim como eles”. E aí, dei o meu melhor na prova e terminei sendo o segundo.

C.M. – Essa competição que você fala. Essa primeira foi aonde?

J.S. – Essa daí foi em São Paulo (SP) a nível Nacional

C.M. – São Paulo (SP) capital mesmo?

J.S. – Isso. Eu não tenho certeza se foi no Parque do Ibirapuera ou no Centro Olímpico do Ibirapuera que é muito próximo, hoje nem tem mais essas competições.

C.M. – O seu guia sempre foi o mesmo ou você já mudou o guia?

J.S. – Eu passei o primeiro ano... Todos atletas da equipe eram meus guias [risos]. Todo dia eu treinava com atleta diferente e quando ia competir era Edson Amaro¹² ou Justino Pedro¹³. Aonde a minha primeira corrida com foi um teste, era para ser o Edson Amaro, só que a prova era de manhã, os três quilômetros e a tarde era 25 quilômetros. Isso foi na cidade de Aracajú¹⁴ (SE), e aí o professor e o Edson mudaram a estratégia. Pediram para um outro atleta correr comigo, que foi o... Joílson¹⁵. Ele é daqui de Juazeiro (BA), correu comigo, corri bem. Não foi essa daí a prova que eu ganhei em primeiro lugar, a minha primeira prova. Aí em 2009 apareceu o Laércio Lima¹⁶, que é um... ele não era atleta da equipe. Ele apenas chegou lá, galera treinando, início de ano aparece muitos atletas. E aí ele pediu para treinar comigo e o professor deixou, ele não completou o aquecimento. Nesse treino aí a gente tem que fazer um aquecimento de 5 km para depois fazer o treino principal. No dia seguinte ele veio de novo e o professor disse: “não, você não concluiu o

¹² Edson Amarro Arruda dos Santos.

¹³ Justino Pedro da Silva.

¹⁴ Estado de Sergipe.

¹⁵ Joílson Bernardo.

¹⁶ Laércio Lima da Silva.

aquecimento. Então você vai treinar sozinho e quando você estiver bem com seu preparo físico, aí você pode treinar com ele”. Aí ele treinou duas semanas sozinho, fazendo o treino dele e aí pediu de novo ao professor e o professor deixou, e aí nós concluímos o treino, e isso foi em... O nosso início foi em 2009 e em 2021 a gente concluiu essa parceria por estratégia da equipe. Então ele continua sendo meu parceiro se caso eu precise para correr comigo, mas ele agora tá guiando um outro atleta visual e agora eu estou com outro atleta guia, que antes era o Laécio Lima, agora é o Ronaldo¹⁷.

C.M. – Essa corrida de São Paulo foi antes ou depois da de Aracajú?

J.S – A de Aracajú foi a primeira, com apenas três meses de treino, e a de São Paulo foi a última do ano de 2008, eu não me recordo o mês se foi em novembro ou em outubro.

C.M. – Mas a de Aracajú foi em 2008 também?

J.S – Isso. 2008. Tudo no ano de 2008!

C.M. – E você falou dos momentos mais marcantes. E quais as principais dificuldades ao longo da sua carreira?

J.S – Quando a gente se reunia com o professor, fazendo estratégias para ver como é que a gente conseguiria recursos para viajar. O nosso professor sempre me ensinou o seguinte: quando a gente vai atrás de ajuda financeira, que a maior dificuldade é o financeiro para a gente manter a passagem de ida, de volta, a hospedagem, a alimentação. Ele dizia: “se vocês conseguirem, beleza. Caso não consiga, a gente vai lutar para ir. Se não der certo ir, continue treinando, para quando tiver a oportunidade ir lá e fazer o seu melhor”. Não desanimar, porque durante esse tempo todo já teve muitos atletas que percebi treinando com a gente de talento mesmo, atleta bom, que por questões financeiras as vezes não conseguiu, as vezes só a passagem, ele só precisava da passagem de ida e de volta, eles desistiram, porque não é fácil, você tá treinando, é a única coisa que você passa a fazer, você tá bem, sabe que se você for você vai conseguir o resultado e simplesmente você não teve a condição ou o direito de ir. *Não é fácil! Tem muitos que desistem, mas graças a*

¹⁷ Ronaldo Amorim.

Deus eu não desisti. Eu venho sempre procurando meios de me organizar com os meus poucos recursos que tenho para não deixar de competir, mas com o passar do tempo, como tudo isso era apenas o início da equipe, as coisas vinham evoluindo através dos nossos resultados, mais atletas aparecendo na equipe. Agora a equipe conseguiu já alguns projetos que é para ir atrás de recursos, através de apoios tanto local como no Ministério dos Esportes, onde tem um dos projetos aprovado. E os recursos estão vindo aos pouquinhos e graças a Deus os atletas que se classificam para ir para competições nacionais, pode-se dizer que tem essa passagem garantida, esse recurso para através da equipe, que antes a equipe não tinha essa estrutura financeira para poder conseguir fazer com que todos os atletas fossem, e graças a Deus vem evoluindo e os resultados vem melhorando no geral. Todos os atletas, tanto os iniciantes que se classificam como os que já estão há muito tempo.

C.M. – E qual é o seu cotidiano de treinamento? Você disse que é seis vezes por dia. Você treina que horário? Por quanto tempo?

J.S – A gente treina de segunda a sábado. Geralmente uma hora e meia por dia. Eu treino no horário da manhã, às vezes de 07:30 até 09:00 ou de 7:00 até 08:30, geralmente é esse horário. E no horário da tarde não é o ano todo, em alguns momentos, alguns períodos, a gente precisa fazer um complemento, a gente faz um trabalho de academia para ter esse fortalecimento.

C.M. – E sempre foi assim ou mudou a partir de algum momento na sua carreira?

J.S – Não. *É sempre assim!* Muda só a questão de treino. Conforme o início do ano o treinamento é de uma forma, quando está próximo de competição já muda um pouco a intensidade, mas a duração do treino geralmente é essa, em média de uma hora e meia por dia.

C.M. – E em relação à estrutura, onde é que vocês treinam e vocês tem equipamentos adequados? Como é que é?

J.S – Nós passamos vários anos treinando no Parque Municipal, numa pista de *cooper* que ela era aberta para o público em geral, para as pessoas fazer caminhada, tem pessoas que vão passear com fone de ouvido, a gente vem correndo pede licença porque às vezes tem muita gente e eles não escutam, termina reduzindo para tentar desviar. Então... depois a equipe passou a ter a parceria com o SESI Petrolina (PE), onde lá tem uma pista de terra e o espaço apenas para os atletas, então isso já melhorou bastante no treinamento dos atletas que não estava tendo essa interrupção de ter pessoas as vezes atravessando ali de vez, a pessoa vem em alta velocidade, alguém atravessa sem perceber e tem de tá reduzindo, *melhorou muito*. E por enquanto a melhor estrutura que é possível na nossa cidade, nós temos para treinamento. Estamos na perspectiva de chegar uma pista oficial, aquela que o piso é sintético, tipo uma borracha, que a nível padrão para competição internacional e nacional, mas sempre teve essa esperança e estamos na expectativa. Vê se quando chegar a tendência é que a gente melhore cada vez mais o número de atletas melhorando seus rendimentos.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]¹⁸

C.M. – Em relação a essa questão da estrutura. Você comentou que antes de entrar na APA, você já treinava e quando você entrou você já tinha 18 anos, mas você só começa a receber o Bolsa Atleta em 2010. Antes disso, como é que você se sustentava, antes do Bolsa Atleta? Você morava com a sua família?

J.S – Eu morava com a minha avó. Então, eu trabalhava com pintura, pintura de casa em geral: parede, porta, portão. Eu aprendi com um colega lá da cidade. Isso eu comecei a trabalhar nessa área eu tinha dezesseis anos – quinze para dezesseis anos. E por eu morar com a minha avó, então a gente tem que... vivia disso, entendeu!?! A questão financeira do que minha avó ganhava e do que eu conseguia, e por eu estar entre os cinco melhores já da região, isso eu não tinha corrida sempre, mas as vezes estava ali ganhando alguma premiação, não era muito, mas as vezes já dava para comprar um tênis e ir me mantendo ali nos treinamento, porque a maior dificuldade é você ter que se manter no esporte sem ter recurso.

C.M. – E você chegou a ter algum outro emprego além da pintura?

J.S – Não, não.

C.M. – Então, desde então você é atleta profissional?

J.S – Você fala antes deu perder a visão?

C.M. – Não. Em todo esse período, desde que você começou como pintor. Já teve algum outro emprego ou alguma outra ocupação além de atleta?

J.S – Não, não... Eu apenas trabalhava com a pintura. Pelo fato dos meus pais serem agricultores e eles terem uma roça, eles deixaram para mim como uma herança, então eu cuidava dessa roça também e..., Isso mesmo. Aí depois de 2010 foi que eu passei a ter o Bolsa Atleta, que para conseguir tem que passar por todo esse processo aí dos critérios que o edital, quando eles lançam o edital lá tá entre os três melhores do Brasil.

C.M. – Na sua vivência, quais as diferenças e semelhanças entre esporte olímpico e paraolímpico?

J.S – A diferença entre o esporte olímpico e paraolímpico *ela é muito grande!* Porque quando... Na questão de resultados, a percepção das pessoas e o reconhecimento do tipo: quando um atleta é campeão nas olimpíadas o reconhecimento da população em geral é muito grande; e quando ele é campeão nas paraolimpíadas o reconhecimento é só apenas para aquelas pessoas que admiram o esporte paraolímpico, então não é todos que veem esse resultado como um resultado *extraordinário*. Algumas pessoas acham que foi apenas uma superação. E no esporte não é apenas uma superação tipo: tem pessoas que veem um deficiente competindo, “ah, ele superou”, “ele...”. *Não é só isso*. E aquele que não é deficiente é o que para ele? A mesma coisa no esporte paraolímpico: é uma dedicação, é um trabalho voltado para o rendimento. A única diferença é apenas a dificuldade que cada pessoa tem. Um atleta olímpico, ele tem as suas dificuldades e limitações. A gente trabalha em cima daquilo para ir melhorando, do mesmo jeito é a pessoa com deficiência, ela tem

¹⁸ Interrompemos a entrevista para buscar Felipe (Filho de Josoaldo).

um tipo de limitação, as suas dificuldades e trabalha da mesma forma, em cima do seu rendimento para ir melhorando em todos os aspectos, mas o reconhecimento na população, ele, o ideal seria que fosse por igual, *infelizmente não é*.

C.M. – Que experiências positivas no esporte você considera importante partilhar? você disse que quando começou, seu treinador trouxe revistas com histórias de outros atletas para você, para te motivar. E no seu caso, que experiências positivas você pode contar para a gente, que também ajude a motivar outros atletas?

J.S – O esporte para mim, *ele foi transformador*.

J.S – Eu dei o exemplo que antes, quando eu ainda estava iniciando, para mim superar as perdas que eu tive, eu usava o esporte. Depois que eu perdi a visão eu passei a usar o esporte para interagir com a sociedade e me integrar a sociedade. E por conta disso as pessoas me veem como uma pessoa ativa e eu me sinto assim. Se eu não praticasse nenhuma modalidade esportiva, seria muito difícil eu ser uma pessoa ativa na sociedade, por conta que as minhas outras habilidades para fazer uma outra coisa, não sei se eu iria conseguir desenvolver para estar interagido na sociedade como um todo.

C.M. – E tem alguma experiência negativa ou que você passou e que você acha que outros atletas não deveriam passar?

J.S – O que eu passei de negativo foi pequenas coisas, do tipo: a gente se prepara para ir para as competições, não sabe se realmente vai. Fica naquela expectativa as vezes até o dia da viagem e chega o dia, você não conseguiu nenhuma opção de como custear as idas. *Graças a Deus* o esporte em tudo vem se evoluindo. Então, isso é coisas que ainda poderá acontecer com alguns atletas, principalmente com os atletas iniciantes, mas eu não vejo como uma forma negativa, e sim como um desafio para ser vencido. Eu não tive a oportunidade de poder competir naquela determinada competição, tenho que continuar treinando, porque quando tiver uma outra, eu quero fazer um resultado que eu consiga superar aquela que eu não pude ir, e não perder o foco e nem o rendimento para as futuras competições.

C.M. – Qual o papel do esporte na sua vida? Desde o início até os dias de hoje.

J.S – O esporte no geral foi uma ferramenta que fez com que eu interagisse com as pessoas, porque eu participei de esportes coletivos lá na... Quando eu era jovem, que era o futebol. Fui para o atletismo que é um esporte individual, mas a gente tá sempre treinando coletivamente. E através dele a gente consegue: ir conhecer outras culturas, viajar, representar também a nossa cultura, a nossa região. Portanto, é algo transformador que na parte social e na questão da saúde também, eu acho muito importante porque quando a pessoa está em atividade constante a gente tem um controle de várias taxas no nosso corpo, como as vezes vou fazer exames só para ver como é que está o controle, e graças a Deus as minhas taxas foram sempre todas ideais.

C.M. – E a APA, que contribuição ela deu para a sua vida pessoal e profissional?

J.S – Através da equipe APA eu tive e continuo tendo a oportunidade de poder competir nas competições a nível nacional. É através dessas competições a nível nacional... É obtendo... É os índices, entrando nos critérios de convocação para a seleção brasileira poderei competir representando a seleção. E se não fosse a equipe APA, nada disso teria acontecido ou poderá acontecer se eu não fosse um atleta da equipe APA, porque na nossa região só temos ela, e ela dá uma assistência muito boa para o atleta na questão de treinamento e... Através das parcerias nós temos acompanhamento psicológico, odontológico e fisioterapeuta. Então, ela cuida de um todo do atleta na questão: psicológica, física, e tudo isso faz com que a gente se sinta bem, como atleta e como cidadão.

C.M. – E quais as suas perspectivas para o futuro? Tem algum plano?

J.S – Eu já competir em competições internacionais, mas não foi através de uma convocação da seleção brasileira. Mas graças a Deus já tive essa oportunidade por três vezes para competir na Europa, mas estou buscando uma convocação para mim poder representar o Brasil. Quando eu tiver essa oportunidade, que eu acredito que irei conseguir, irei fazer o meu melhor para trazer esse resultado para o Brasil. E daí, eu como atleta, vou me sentir realizado.

C.M. – E, última pergunta, né!?

C.M. – Para você o que é ser atleta em Petrolina?

J.S – [silêncio]. [riso] É, ser um atleta na nossa cidade, aqui em Petrolina (PE), *não é fácil*. Não é fácil porque infelizmente os projetos e os investimentos que são destinados para o esporte, muitos não chegaram até a nossa região. Portanto, a gente ainda continuamos lutando para que as estruturas, assim como São Paulo e outros locais têm, possam chegar até a nossa cidade. Mesmo sendo uma cidade do interior, ela já era para ter, porque nós temos atletas medalhista internacionalmente. Então, já era para ter tido esse reconhecimento, mas não tivemos ainda, mas temos esperança. E quando isso se realizar, na questão da estrutura, e os recursos vier, como de fato deveria ir para todas as regiões. Quando a nossa for contemplada tenho certeza que o resultado será *extraordinário*.

C.M. – Josoaldo, tem mais alguma coisa que você queira falar, deixar registrado, algo que a gente não perguntou ou que a gente perguntou, mas você que quer acrescentar alguma coisa?

J.S – Não me recordo se tem alguma coisinha... Mas qualquer coisa, depois, a gente entra em contato ou manda até por áudio também, né.

C.M. – Então, só agradecer demais. Seu tempo, aí também. Felipe ter ficado esperando a gente terminar aqui.

[FINAL DA ENTREVISTA]